

A MUDANÇA DO *MEU* MUNDO: DOS COCAIS ÀS MINAS GERAIS

Anna Thércia José Carvalho de Amorim¹

Querido Paulo Freire²,

Confesso que antes de iniciar esta carta, peguei-me a pensar na minha infância no campo em uma casa de chão batido, paredes de barro e coberta de palha de coco babaçu. Ali, vivi minha infância e vivenciei experiências que tornaram latentes em mim a vontade de mudar, *me mudar*, mudar nossa condição de vida, mudar o mundo.

Naquela época, no final de 1990, eram minhas obrigações: buscar água no córrego para beber, cozinhar e para os demais afazeres de casa, porque não tínhamos água encanada; buscar coco babaçu em um jumentinho que eu mal conseguia alcançar seu lombo e, no tempo de colheita também ajudava minha avó a colher milho e fava. O coco babaçu era para fazer azeite e vender ou trocar por carne, café, açúcar ou algo que estivesse faltando em casa. Não foi uma infância fácil, mas, afirmo que ali eu era feliz, mesmo estando convencida de que nossa realidade não era algo dado por Deus, porque sei que Ele não daria uma realidade tão espinhosa quanto a nossa. Caro Paulo, não queira saber o que já passei para estar hoje na condição de respondente de uma carta sua.

Ainda naquele lugarzinho, no interior, estudei até a 3ª série do primário em uma escola multisseriada. A escola era pequena. Na verdade, era minúscula, havia apenas uma sala e uma cantina. Isso mesmo, Paulo! Minha escola não tinha banheiro, nem coordenação, muito menos direção. Mas, o mais fatídico era que a minha professora também era merendeira e a responsável pela limpeza. Lembro-me, como se estivesse vivenciando agora, ela fazendo o que podia para cozinhar e lecionar ao mesmo tempo, muitas vezes comíamos a merenda queimada porque ela se esquecia de apagar o fogo. Pergunto a ti, Paulo: como ter perspectivas de mudar o mundo em uma realidade tão adversa? Nem o *meu mundo* eu saberia gerir diante de tamanho descaso.

A minha criação e educação veio dos meus avós com os quais morei desde que nasci até os meus vinte anos. Meu avô diz que frequentou a escola por menos de três meses e aprendeu a ler e escrever, e logo voltou para a roça, pois já sabia assinar o nome e resolver as quatro operações. Não sei qual foi o milagre que fizeram, mas meu avô lê, escreve e resolve continhas de matemática muito bem. Minha avó não teve a mesma “sorte” do meu avô, porque ela ficou órfã de pai aos nove anos e, a partir daí, tornou-se responsável pelos irmãos e por ajudar a sua mãe a manter a casa. Alongo-me nos detalhes, Paulo, para que possas entender de qual lugar estou partindo. Voltando à minha avó. Ela não sabia ler, mas sempre

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV-MG), Especialista em Educação Infantil e Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT-TO).

² Educador, pedagogo e filósofo brasileiro. Considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia Mundial. Em 1946, foi indicado ao cargo de Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social no estado de Pernambuco. No ano de 1961, tornou-se Diretor do Departamento de Extensão e Culturais da Universidade de Recife, ano que realizou junto com sua equipe as experiências de alfabetização popular que levariam à constituição do Método Paulo Freire. Biografia mais aprofundada disponível em: <https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/paulo-freire/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

foi uma velhinha esperta, pois ela entendia que eu precisava “treinar” minha escrita e leitura. Então, em cima de uma máquina de costura ela espalhava livros velhos, um caderno e um lápis, abria o livro e procurava um texto grande e mandava-me copiar para o caderno. A tal famosa cópia.

Todo dia à tarde minha avó fazia isso como uma penitência. Depois de algum tempo, eu já sabia ler e já estudava na cidade. Nesse período, ela começou a participar do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Ela era a aluna mais assídua e determinada e, com pouco tempo de aula, começou a escrever seu nome, ainda muito trêmula, mas não usava mais sua digital para provar sua existência. Hoje, minha avó lê silabando e pouco compreende o que lê, mas para ela esta aprendizagem foi a maior mudança em seu mundo, pois saiu do analfabetismo total para ser uma conhecedora de letras, palavras e números. Como eu gostava de acompanhar minha avó em suas aulas e ajudá-la a juntar aquelas palavrinhas que eu já dominava tão bem!

Aquele lugarzinho virou passado. Depois de algum tempo, a chácara onde morávamos foi vendida e fomos embora para o Estado do Pará, onde ficamos pouco mais de quatro meses e retornamos porque não conseguimos nos adaptar. Esse período foi o pior, o mais sofrido. Então, voltamos para nosso querido e amado Tocantins, mas onde iríamos morar? Como faríamos para sobreviver se não tínhamos mais nossa terrinha e a única coisa que sabíamos fazer era plantar, colher e caçar? Então, aquela grande família que vivia reunida teve que se espalhar para sobreviver.

Eu e meus avós ficamos em Nazaré, uma pequena cidade no interior do Tocantins, em uma casa cedida. Minha mãe e mais dois de seus irmãos foram para um acampamento de reforma agrária. Naquela época, nem era pela luta do movimento, mas pela necessidade de terem um lugar para morar. Lá, construíram seus barracões de palha, onde moraram por mais de cinco anos até conseguirem ser assentados. Várias vezes atearam fogo nos barracões, jogavam animais podres no córrego para que eles não apanhassem água, com o objetivo de dispersarem os acampados daquele lugar, mas eles resistiram a todos os atentados. E essa foi a mudança no mundo da minha mãe e de seus irmãos, a reforma agrária.

Paulo, lendo sua carta *Do direito e do dever de mudar o mundo*, me chamou a atenção sua afirmação de que “[...] o futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2000, p. 56)³, tenho que concordar que na luta nos refazemos, nos (re)construímos, saímos da condição de passivos e começamos a criticar, refletir e agir sobre nossa realidade. Tenho que agradecer por tamanha contribuição à *educação popular* e por tamanho acervo que nos deixou, porque a educação para o povo, pensada com e pelo povo, é transformadora.

Meu primeiro encontro contigo foi em um grupo de estudos na graduação em Pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), o qual participava para aprofundar meus conhecimentos sobre educação do campo, tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A escolha desse tema se deu pela inquietude em relação à realidade de meus irmãos que acordavam, ainda à noite, para irem ao ponto de ônibus com destino à cidade para estudar, tendo uma escola ao lado da casa de minha mãe no assentamento que viviam. A escola estava fechada e ninguém sabia o porquê.

³FREIRE, Paulo. Do direito e dever de mudar o mundo. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. p. 26 -30.

Pedagogia da esperança foi o primeiro livro que lemos no grupo de estudos. Recordo-me que em alguma parte do livro você começou a citar os camponeses e trouxe como exemplo um diálogo que teve com alguns deles. Penso que não é possível continuar esta carta sem partilhá-lo aqui, então vamos voltar ao livro *Pedagogia da Esperança*⁴ porque confesso que não me recordo, na íntegra, desse diálogo que você faz com os camponeses e que me fez perceber que não sabemos mais ou menos que o outro, apenas temos saberes diferentes.

Primeira pergunta: –

Que significa a maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol.

– Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim – disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão:

– Que é curva de nível? Não soube responder.

Registrei um a um.

– Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

– Para que serve a calagem do solo?

Dois a dois.

– Que é um verbo intransitivo?

Três a dois.

– Que relação há entre curva de nível e erosão?

Três a três.

– Que significa epistemologia?

Quatro a três.

– O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegarmos a dez a dez [...] (FREIRE, 1992, p. 48).

Em outra parte do diálogo e, a minha favorita, você escreveu:

[...] – O senhor sabe porque é doutor. Nós, não.

– Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas, por que eu sou doutor e vocês não?

– Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não.

– E por que fui à escola?

– Porque seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso, não.

– E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola?

– Porque eram camponeses como nós.

– E o que é ser camponês?

– É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor.

– E por que ao camponês falta tudo isso?

– Porque Deus quer.

– E quem é Deus?

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

– É o Pai de nós todos.
 – E quem é pai aqui nesta reunião?
Quase todos de mão para cima, disseram que o eram. Olhando o grupo todo em silêncio, me fixei num deles e lhe perguntei:
 – Quantos filhos você tem?
 – Três.
 – Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa, no Recife? Você seria capaz de amar assim?
 – Não!
 – Se você – disse eu –, homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça desta, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas?
Um silêncio diferente, completamente diferente do anterior, um silêncio no qual algo começava a ser partejado. Em seguida:
 – Não. Não é Deus o fazedor disso tudo. É o patrão! (FREIRE, 1992, p. 49).

Foi a partir daí que foquei em livros e textos sobre educação do campo e comecei a compreender que a questão não era apenas ter uma escola funcionando no campo, mas ela precisava pertencer àquele lugar. A educação precisa ser problematizadora, precisa levar o educando à reflexão e foi isso que você fez, sabiamente, naquele diálogo. A escola precisa estar inserida nas lutas camponesas e as lutas camponesas precisam fazer parte da escola. Obrigada, Paulo, por me fazer compreender que os oprimidos também precisam de espaço, do seu espaço, não como oprimidos, mas como protagonistas de sua própria história, até porque “a luta ideológica, política, pedagógica e ética a lhe ser dada por quem se posiciona numa opção progressista **não escolhe lugar nem hora**” (FREIRE, 2000, p. 55, grifo nosso).

Temos que sair de nossa posição fatalista e começar a trilhar o caminho de mudanças porque é isso que “[...] nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator **condicionante** um poder **determinante**, diante do qual nada se pode fazer” (FREIRE, 2000, p. 55, grifo do autor).

As mudanças começam quando compreendemos a que mundo pertencemos e de onde partimos. Para mim, essa compreensão é a virada de chave. Minha virada de chave veio a partir da leitura do livro *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil* de Bernardo Mançano Fernandes e João Pedro Stédile⁵. Neste livro, entendi com mais profundidade sobre o Movimento Sem-Terra (MST) e a importância da educação popular. Aqui, tive a certeza a qual mundo pertencia. Na verdade, com a leitura deste livro, me senti revisitando minha infância e as lutas pelas quais passamos. Depois de Fernandes e Stédile, vieram as leituras dos livros *Pedagogia do Movimento Sem-Terra*⁶, de Roseli Caldart e *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*⁷, de Miguel Arroyo. Tenho imenso apreço por esses livros.

Esse grupo de estudos, que não me recordo o nome agora, mas que era alicerçado pelos seus escritos, me fez compreender que precisamos saber o que nos inquieta, para,

⁵ STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/10/Brava-Gente-A-trajetoria-do-MST-e-a-luta-pela-terra-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁶ CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais que escola. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

⁷ ARROYO, Miguel González. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

então, procurarmos a mudança. No caso dos camponeses, aqueles que lutam por uma divisão de terra mais igualitária, eles sabem pelo que estão lutando, de onde estão partindo e para onde a luta está os levando. Acho que, desde a sua partida, em 1997, até hoje, novembro de 2022, nós tivemos alguns avanços no MST. Mas, enfim, voltemos ao meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Durante a minha pesquisa, observei várias coisas, porém a que mais se evidenciou foi uma suposta desconfiança dos assentados para comigo que, segundo o presidente da associação da época, talvez fosse pelo simples motivo de eu não fazer parte inteiramente de suas lutas, mesmo a minha mãe fazendo parte da mesma realidade deles. Conversei com minha orientadora sobre isso e ela me orientou a estender mais o tempo da pesquisa para conquistar a confiança dos assentados e assim o fiz. Levei meses participando de reuniões da associação – nas quais tive a impressão de ser mal vista por ser a única mulher –, contribuí com a organização do festejo religioso e visitava o assentamento com frequência, visto que minha mãe ali residia também.

Aproximadamente seis meses depois, voltei com meus questionários para realizar a pesquisa e de dezesseis famílias que haviam afirmado que participariam da mesma, somente oito responderam ao questionário. Não me dei por convencida e voltei ao presidente da associação para tirar algumas dúvidas. Ele me respondeu que uma das razões de nem todos quererem participar poderia ser a de que *eu não partilhava da luta deles*. Desta forma, passei a entender que meu olhar era de gabinete, minha visão era de fora, era uma visão diferente dos assentados. Já *escaldados* de tantas pessoas irem lá e usá-los como *ratos de laboratório*, eles já sabiam do meu objetivo e isso fez com que eu me sentisse incomodada. Então, passei a estudar sobre o MST com mais frequência e a abraçar os movimentos dos povos do campo (indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pequenos agricultores). Nesse sentido, os livros *Pedagogia da Esperança* e *Brava Gente* foram o pontapé que faltava para (des) construir várias coisas e mudar minha posição quanto aos movimentos sociais.

Paulo, peço licença para aqui compartilhar o hino do MST, um movimento muito importante em minha formação acadêmica e pessoal. Em suas caminhadas com punho erguido, o MST entoou:

*Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!*

Refrão:

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular
Braços Erguidos ditamos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!*

Refrão:

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular
Nossa Força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!*

Refrão:

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular.⁸*

Todas as vezes que ouço esse hino sinto que podemos conscientizar e transformar a vida de muitas pessoas através dos movimentos sociais e da educação. Mas, para tanto, precisamos estar propensos a mudanças, lutas e reivindicações. Não podemos ser displicentes e nos acanhar diante dos opressores, frente aos que não vivem nossa realidade e acham que seus olhares de cima são mais importantes que as nossas vozes de oprimidos. Paulo, como tu mesmo afirmas

Se os sem-terra tivessem acreditado na “morte da história”, da utopia, do sonho; no desaparecimento das classes sociais, na ineficácia dos testemunhos de amor à liberdade; se tivessem acreditado que a crítica ao fatalismo neoliberal é a expressão de um “neobobismo” que nada constrói; se tivessem acreditado na despolitização da política, embutida nos discursos que falam de que o que vale é “pouca conversa, menos política e só resultados”, se, acreditando nos discursos oficiais, tivessem desistido das ocupações e voltado não para suas casas, mas para a negação de si mesmos, mais uma vez a reforma agrária seria arquivada (FREIRE, 2000, p. 60).

O MST foi a mudança no mundo de muitas pessoas, principalmente para aquelas que estavam “acomodadas” com o fatalismo pregado pelos conservadores. Depois de tantos anos, o MST ainda é um dos grandes movimentos do Brasil, ainda lutando e (des)construindo o posicionamento de muitas pessoas. Paulo, você ficaria embevecido com o MST durante a campanha para presidente neste ano de 2022. Víamos nas redes sociais aquele mar vermelho de pessoas reunidas com um só objetivo, reconquistar uma brechinha para os oprimidos falarem e serem escutados. O movimento foi ativo e pacífico, recebeu inúmeros

⁸ Letra: Ademar Bogo. Música: Willy C. de Oliveira. **Nosso Hino.** Hino disponível em <https://mst.org.br/2009/07/06/nosso-hino/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

atentados, mas não se abateu e, com a ajuda do movimento, elegemos, novamente, Luiz Inácio Lula da Silva como presidente.

Conseguimos, assim, através da luta dos oprimidos, destituir um governo autoritário. Se você estivesse presente aqui, veria como eles – os simpatizantes do governo – criticam seus escritos e a gente sabe o porquê. O autoritarismo deles se perdeu em meio à nossa luta. Agora temos um número expressivo de oprimidos no Congresso e isso se dá pelo nosso *direito e dever de mudar o mundo*.

Voltando para as ligações de seus escritos com meu trilhar acadêmico, informo a você que hoje sou graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Educação Infantil, *lato sensu*, ambas as formações pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a primeira da minha família a entrar na universidade. Atualmente, sou mestranda em Educação, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), localizada em Minas Gerais.

Longe de casa, todos os dias, reflito sobre minha ausência na vida da minha filha e pergunto-me se vale a pena e, sem titubear, já respondo “*sim, Anna, se você não alcançar seu objetivo final, foque apenas no seu objetivo próximo que é acumular conhecimento e ajudar a conscientizar outras pessoas como conscientizaram você*”. Sei que você foi um educador que contribuiu na conscientização de várias pessoas, pois acredite, eu também tive “*meus Paulos Freire*”.

Na minha graduação, eu era uma aluna mediana, não queria nada com nada e meu objetivo era terminar o curso de Pedagogia e ser aprovada em algum concurso. Eu não suportava o curso, mas era o que tinha. Costumo dizer que simplesmente passei pelos dois primeiros anos do curso e me envergonho disso, mas eu não via sentido em ler aquelas montanhas de textos que, ao final, não entendia nada. Mas, no segundo semestre de 2015, chegou à UFT um professor novo que tinha acabado de defender sua dissertação de mestrado. Ele chegou cheio de gás e explicava um texto como ninguém. Eu ficava atônita em meio às suas explicações, e foi a partir daí que as coisas começaram a mudar.

Pouco tempo depois, tive a disciplina de *Didática* com outro professor novo e os dois, juntos, foram “*meus Paulos Freire*”. Queria poder apresentar eles a você, mas, como não é possível, os apresento ao mundo. Apresento Mário Borges Netto e Joedson Brito dos Santos, os professores que me fizeram refletir, sair do meu lugar de passiva e começar a ter uma visão crítica, a me posicionar. Eles mudaram o meu mundo acadêmico e cá estou. Obrigada, Mário e Joedson!

Encaminho-me para a finalização desta carta para compartilhar minhas experiências, agora, como mestranda, que são as mais variadas que você possa imaginar. Vou iniciar com minha vinda para Minas Gerais. Mudar-me para Minas foi a parte mais difícil dessa etapa de minha metamorfose, porque iria me apartar de minha filha. Acho que o acesso à educação ainda se encontra muito concentrado – as regiões sudeste e sul, ainda tem um contingente maior de cursos e vagas disponíveis – e isso me fez migrar, temporariamente, para cá. Enfim, chegar a uma cidade maior, desconhecida e que seria meu lar temporário foi e é assustador, mas são mudanças que considero necessárias.

Na universidade, Paulo, o choque foi maior. Eu venho da região com maior concentração de indígenas do Brasil, Região Norte e, com bastante frequência, ouço que “*tenho cara de índio*”, que tenho cabelo liso porque “*todo mundo no Tocantins é descendente de índio*” e chegaram a me perguntar se chego até a minha casa de carro.

A primeira coisa que fiz foi tentar desconstruir o uso dessa nomenclatura *índio* que não se usa mais por ter um objetivo de inferiorização dos *povos indígenas*, que são diversos.

Ouvir isso dentro de uma academia que diz *construir conhecimento* foi estarrecedor. Hoje, chamamos isso de *xenofobia*, que é algum tipo de aversão às pessoas de outros países ou regiões. Quando tentava desconstruir essa visão retrógrada dessas pessoas, elas, simplesmente, respondiam: “*não é minha obrigação saber porque não faz parte da minha realidade*”, como se o meu país não fosse o mesmo delas. Enfim, muitos podem entender isso como choque cultural, mas eu entendo isso como poder imposto. Contudo, é essa a história contada em nossos livros didáticos.

Até hoje, os livros apresentam as regiões sul e sudeste como desenvolvidas e norte e nordeste como as atrasadas e isso se evidenciou mais ainda durante o período eleitoral. Vivemos uma repetição e memorização constante. Transferimos essa visão completamente descontextualizada e atrasada contribuindo para a perpetuação do racismo, preconceito com a cultura, língua, sotaque etc. Digo a você, Paulo, não é fácil estar na condição de oprimida. Não é fácil ser lembrada a todo instante de onde você veio e que aquele não é o seu lugar. Os espaços de diálogos, de compartilhar vivências e construir conhecimentos estão cada vez mais distantes da comunidade, distante das diversas realidades que os contornam. A universidade, ainda, é um lugar distante para muitos, infelizmente. Mas, como digo sempre: “Avante na luta!”